

Engajamento Político e a Cultura-Mundo: Reflexões iniciais sobre a construção identitária dos movimentos de ocupação mediada pelas redes sociais on-line.

Avance de investigación en curso

GT20: Sociedad Civil: Protestas e Movimientos Sociales

Michel Renan Rodrigues de Andrade
Orientador: Cássio Braz Aquino

RESUMO:

Em um contexto pós-moderno, disponho minhas análises iniciais de um projeto de investigação sobre a construção de identidades dos movimentos de indignação da contemporaneidade. Embasado nos conceitos de Harvey (2011), Lipovetsky e Serroy (2011), Goffman (2002) e Levy (2010) faço uma análise inicial sobre o contexto e as ações que os movimentos *Tea Party* e *Occupy Wall Street* praticam e constroem os valores que concretizam as identidades dos movimentos, a partir da dialética virtualizante e da apropriação dos signos idealizados pela indústria cultural, mediados pelos seus perfis oficiais nas redes sociais *online*. Desta forma, traço aqui um perfil dos signos e sua trajetória massivamente significativa, até chegar às intervenções e apropriações realizadas pelos manifestantes dos movimentos em questão.

Palavras-chave: ciberespaço; pós-modernidade; movimento de protesto.

INTRODUÇÃO

Para construir um projeto que investiga as práticas do sujeito pós-moderno apresento, aqui, os avanços de uma análise que me permitiu construir um cenário, o qual gerou uma linha perspectiva para pesquisas mais profundas sobre o fluxo dos novos movimentos sociais que se lançam a partir das interações nas redes sociais *on-line*. Apresento, então, apontamentos para seguir linhas de pesquisas e aprofundar as investigações sobre os modos de subjetivação dos sujeitos individuais e coletivos, que conduzem as construções dos movimentos e as formas de engajamentos políticos nas recentes manifestações na Europa, nos Estados Unidos, na Turquia e, principalmente, no Brasil, em uma sociedade pós-moderna, como afirma Harvey (2011).

Por isso, demonstro neste trabalho os signos da indústria cultural apropriados pelos movimentos *Occupy Wall Street (OWS)* e *Tea Party* como objetos de significação a partir da sua construção histórica, que impacta no processo de identificação entre manifestante e movimento. Há dois anos, um dos primeiros movimentos de profusão mundial aconteceu em 17 de setembro de 2011, o *Occupy Wall Street (OWS)*, em Nova Iorque quando um grupo de jovens americanos se instalou na Zuccotti Park, local que marca o centro da bolsa de negócios de Wall Street, levantando um acampamento repleto de jovens multiculturais e indivíduos precarizados que protestavam sob uma única bandeira: “*We are the 99%*” (ALVES, 2012, p. 32). Esta, uma referência a uma densa classe de indivíduos que exprimem sua condição proletária, como afirma Alves (2012), de jovens e trabalhadores desempregados, operários precários, famílias que perderam suas casas e estudantes de graduação subjulgados pelo endividamento e inseguros quanto a seu futuro. Este movimento chegou a reunir na mesma praça algo em torno de 15 mil manifestantes (PESCHANSKI, 2012, pp 27 - 29).

Em paralelo, mas seguindo direção oposta, encontramos o *Tea Party*. Este movimento social criado em 2004 surge a partir dos interesses de uma classe de cidadãos estadunidense constitucionalista que protestam por uma política menos estatal, dando liberdade total às empresas. Declaram-se, apartidários, apesar da proximidade com o partido republicano, lutando em prol da segurança nacional contra o que chamam de “antinacionalistas” e estrangeiros (latinos, em especial) que possam perturbar os “valores judeu-cristãos” identificados com um conservadorismo tradicional e nacionalista. A denominação *Tea Party* advém à manifestação ocorrida em 1773, quando os americanos nativos ocuparam o porto de Boston em protesto contra o monopólio do chá da Companhia das Índias Ocidentais apoiada pelo governo britânico, que esmagava a liberdade de empreendedorismo dos comerciantes e produtores locais. Na ocasião, estoques de chá dos navios foram saqueados e atirados no mar, em protesto contra os não-nativos que assolavam a liberdades e o empreendedorismo dos nativos. Esta referência justifica não só o nome do movimento, mas também suas lutas contra as taxas de impostos do governo americano que, segundo os próprios manifestantes em seu site, dificultam o crescimento das empresas nacionais colaborando para o empobrecimento da sociedade americana aliada à intervenção de culturas estrangeiras no país.

Definindo os movimentos, podemos afirmar que este artigo constitui um objeto de investigação submetido a uma seleção de pós-graduação que segue o método de análise a partir da contextualização do estado social de uma sociedade pós-moderna, conectada em uma rede de interação virtualizada que possui características de uma nova cultura que vem emergindo em nossa sociedade, passando para as reflexões sobre a apropriação, por parte dos movimentos, de signos da indústria cultural e suas ressignificações, mediado pela rede mundial de computadores. Tendo em vista as definições feitas pelos próprios movimentos em sua página oficial, queremos analisar como as imagens e signos cooperam com os discursos definidores difundidos por eles e como isso soma ao processo de identificação do próprio movimento.

Para tal, fizemos um apanhado com autores contemporâneos que estudam a modernidade reflexiva, como Giddens (1991), a condição pós-moderna de Harvey (2012), a hipermodernidade de Lipovetsky e Serry (2011), os conceitos de cibercultura de Levy (2011) e sua dialética virtualizante e inteligência coletiva, além dos estudos de Raquel Recuero (2009) sobre as redes sociais *online* e os processos de construção identitária de Maffesoli (1996), aproveitando um pouco do conceito de fachada de Goffman (2002) para explicar a humanização do personagem “Codinome V” criado por Allan Moore e tão importante para a nossa análise.

POS-MODERNIDADE COMO CONTEXTO

Da Europa do século XVII emergiu costumes de vida, estilos e organizações sociais que vieram a culminar com as grandes revoluções político-sociais, embasadas em uma intelectualidade da época, o que viabilizou no desenvolvimento científico Europa a fora (GIDDENS, 1991, p. 11). Localizar o nascedouro, os focos iniciais da modernidade facilita o mapeamento para chegarmos ao pensamento de teóricos da pós-modernidade sobre as relações sociais de um mundo movido por revoluções técnicas constantes, uma insegurança aumentada, uma instabilidade identitária e uma exacerbação do presente puro, como afirma Harvey (2011).

Notemos que a partir de avanços da tecnologia da informação e da comunicação diversos povos começam a entrar em contato quase que instantaneamente; “os espaços se encolhem e o tempo se comprime” (LIPOVETSKI & SERROY, 2011, p. 25). O capitalismo se aprofunda à medida que a modernidade avança em seus desenvolvimentos e superações de crises sociais, políticas e econômica. “Por toda parte, o poder dos mercados, a ditadura do curto prazo e as forças sociais centrífugas criaram um universo instável e imprevisível”, afirma Lipovetski e Serroy (2011). Neste contexto, eles dizem

existir uma “grande desorientação”, e afirma que isso é uma das consequências de um veloz e ilimitado compartilhamento e produção de informação.

Desta forma, Lipovetsky e Serroy (2011) creditam no consumismo desenfreado o acirramento de uma superficialidade universal do divertimento como “forças que arruinam os mais altos valores morais”, dando margem a um “individualismo que se transforma em egoísmo cobiçoso, um fechar-se em si que se opõe à solidariedade e à fraternidade”. Em consequência, afirmam que nasce uma violência que se manifestam em forma de terrorismo, banalização da delinquência e da criminalidade, uma baixa no fervor da democracia no seio dos cidadãos, pois esta se torna um braço governado pelo mercado, achincalhando os direitos humanos e gerando um mal estar ético e cultural.

Assim, Lipovetsky e Serroy (2011) explicam e dão as bases para seus pensamentos e reflexões sobre o cenário de um mundo que, segundo eles, culminam em uma desforra da cultura. Isso se daria pelo importante papel da cultura na vida econômica desses indivíduos desorientados. O vazio e a fragmentação identitária permitiria o preenchimento por parte da disseminação signeada indústria cultural, um forte investimento econômico mundializado que esmaga culturas populares e religiosas, gerando violentas resistências etnológicas e fundamentalistas.

É neste vazio onde devemos procurar compreender os problemas formulados. Assim reforço, seguindo Harvey (2011), que “as práticas estéticas e culturais tem particular suscetibilidade à experiência cambiante do espaço e do tempo exatamente por envolverem a construção de representações e artefatos espaciais a partir do fluxo da experiência humana” servindo de intermédio entre o ser e o vir-a-ser. Diante desta afirmação, podemos entrar no âmbito de um importante espaço responsável pela mistura caótica de culturas e grande disseminadora de signos e informação: o ciberespaço.

CIBERESPAÇO E A DIALÉTICA VIRTUALIZANTE

No ciberespaço encontramos os costumes e práticas sociais virtuais que Levy (2010) trata ao refletir sobre a filosofia da cibercultura. Desta forma, observando que os movimentos de indignação se utilizam deste cenário social virtualizado, procuro aqui debater sobre o costume que vem tomando cada vez mais espaço na vida contemporânea.

Levy (2010) aponta que a “retórica designa a arte de agir sobre os outros e o mundo com o auxílio dos signos”. Ele afirma não se “tratar apenas de representar o estado das coisas, mas igualmente, de transformá-las, e mesmo de criar inteiramente uma realidade saída da linguagem” (p. 54). Nesta lógica, Levy (2010) afirma que essas transformações que geram o real se tratam de uma criação de um mundo virtual, sendo este um espaço propício para a geração da dialética virtualizante, ou heterogênese do real. A partir do momento em que significamos o real e damos uma identidade diferenciada à sua primitiva - quando significamos um bastão a um galho de árvore— estamos desprendendo uma nova função, uma nova identidade a uma entidade real, logo, estamos virtualizando o real por um processo de dialética, ou seja, é a mesma capacidade de interpretar e construir novos sentidos sobre o real. “A dialética virtualizante é uma relação de significação, de associação ou de remissão de uma entidade e outra qualquer” (p. 62).

Um dos pontos essenciais para compreendermos essa condição pós-moderna é entendermos o ciberespaço. É nele que configuramos a massificação e aprofundamento da contração e desfiguração tempo-espacial gerado pelas revoluções tecnológicas da modernidade. O ciberespaço é uma complexa evolução das tecnologias da informação. Para Levy (2011) este é “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (p. 94). É nele que o ser humano de diversas culturas se comunica a sua maneira, compartilham arquivos, descarregam seus signos, suas interpretações, seus anseios, seus desejos e suas frustrações. Podemos encontrar diversas

interpretações do real em discursos, podemos ver e ler as comunicações institucionais e pessoais, e dessa forma, interagir de acordo com a nossa própria subjetividade.

Com o alargamento da cultura de mercado e de consumo no espaço virtual, identificamos que os comportamentos dos agentes sociais passam por um processo de subjetivação dos signos gerados pelas empresas (multinacionais, ou não) e indústrias da cultura de massa para a sedução do “cliente”. Este, em uma ânsia por consumo, na tentativa de se afirmar, gera um tipo de identidade social se ligando a símbolos que passam a fazer parte de seu processo identitário (LIPOVETSKY & SERROY, 2011). Podemos identificar isso nas “comunidades virtuais” potencializadas pelas redes sociais on-line, que agregam pessoas com anseios semelhantes, interagindo e compartilhando informações sob um símbolo por eles eleitos. É a partir dessas verificações, observando a existência de diversos canais que compõe um pouco das fragmentações desses indivíduos, que compartilham e reforçam ideias, que entram em dialéticas constantemente, em debates de ideias, que definimos o conceito de inteligência coletiva (Levy, 2011). Fazendo parte das consequências de interação do ciberespaço, Levy (2011) afirma que este surge como “uma ferramenta de organização de comunidades de todos os tipos e de todos os tamanhos de coletivos inteligentes” (p. 135), sendo universal e sem totalidade, ou seja, aberto à subjetividade de cada sujeito interconectado que constrói realidades a partir do espaço virtual composto por uma massa multicultural de pessoas, instituições e corporações.

DIALÉTICA VIRTUALIZANTE E A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Vimos até agora que a cibercultura (LEVY, 2011) foi uma criação do amago da condição pós-moderna. Vimos que o ciberespaço é um local virtualizante de constante e dinâmica interação, principalmente com o desenvolvimento de redes sociais *online*. Neste momento, é importante voltarmos ao que Levy (2011) chamou de processo de dialética virtualizante, ou seja, quando o indivíduo, a partir do real, constrói o virtual, lhe dando um novo significado, resignificando-o através de interpretações constantemente.

Recuero (2009) afirma que não podemos nos remeter a rede social se não pensarmos em um processo de interação entre os seus usuários em conexão, num processo dinâmico de trocas de informação e em constante transformação, como afirma Watts (apud RECUERO, 2009, p.79). Essas trocas de informações podem ser mediadas via indivíduos, ou via comunidades e plataformas que representam um coletivo. Observamos isso, primeiramente em páginas na Rede Social *Orkut*, onde um grupo de pessoas monitorava e pautava as discussões (originar pautas era da liberdade de cada um que fazia parte da comunidade) sendo excluídos aqueles que faltassem com respeito aos outros ou, mesmo, desviassem os focos das pautas da comunidade. Este princípio é visto, também, no *Facebook*, este sendo a plataforma com maior número de adesão no mundo – mais de um bilhão de usuários espalhados pelo globo¹.

Assim, partimos da definição sobre Rede Social *OnLine*. Uma rede social é “definida como um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas *conexões* (interações ou laços sociais)” (Wasserman e Faustapud, Recuero, 2009). Ou seja, através das conexões estabelecidas entre os diversos fatores, podemos observar e analisar as interações, padrões de conexão e mesmo a composição de indivíduo feita pelos próprios atores, formando estruturas complexas mediadas por um enorme fluxo comunicacional e informacional. É nesta ótica que aportamos o nosso problema. Tomando por base os pensadores contemporâneos que destacam a fragilidade e a fragmentação identitária dos atores sociais, iniciamos a análise de como a difusão de signos da indústria cultural apropriados pelos novos movimentos sociais (OWS e *Tea Party*) cooperam com as

¹ Informação retirada de <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/10/facebook-atinge-1-bilhao-de-usuarios-ativos-mensais.html>.

construções e os processos identitários dos indivíduos virtualizados. Faço agora uma breve análise de um signo permanente em protesto de indignados espalhados pelo mundo que é a máscara de Guy Fawkes e mais três imagens publicadas nos perfis oficiais no *Facebook* dos movimentos *Occupy Wall Street* e *Tea Party*, analisando o histórico dos signos que compuseram o imaginário popular, criando uma identidade própria e dialogando, se comunicando com os sujeitos.

SIGNOS POPULARES EM OWS E TEA PARTY

Ao longo dos anos, observamos que manifestações mundo afora tratam de solidificar-se criando identidades que vinculam o movimento à sua ideologia. Neste momento, devo estabelecer uma análise sobre essa construção identitária a partir dos signos eleitos pelos movimentos que veiculam informações significantes que agregam a sua causa e impactam os indivíduos espectadores.

Maffesoli (1996) afirma que “o predomínio da pessoa (persona) é correlativo a uma realidade relacional, a um primado de comunicação”, logo, “a pessoa constrói-se na e pela comunicação” (p. 310). Desta forma, Maffesoli (1996) acredita que a construção identitária de um sujeito tem um forte componente hedonista (a partir da imaginação, dos sentidos, do afeto) e não apenas da razão. O sujeito em interação se dá a oportunidade de “abrir-se” aos outros e às diversas características do próprio “eu”, que em muitos casos é fechado em si. Esta abertura dá vazão ao projetar a sua construção, desejando um contínuo processo de fusão com os outros. Eis o porquê, segundo Maffesoli (1996), de estarmos em um processo interminável de construção de identidade do sujeito de múltiplas máscaras dentro deste mundo. Desta forma, com tal importância do processo comunicativo que aderem significações variadas em um processo de interação, podemos observar que as imagens e os signos tem um importante papel na construção identitária do sujeito.

A Máscara do personagem V de Vingança é um dos signos apropriado pela indústria cultural, que enxerta significados e constroi a partir de seus idealizadores, sendo resignificados pelos manifestantes, que se apropriam mais tarde. Assim, procuramos identificar as construções dos sentidos dos movimentos políticos, que se popularizam pelas redes sociais *online*. E é analisando algumas imagens e signos propagados por esses movimentos que olhamos para a construção de suas identidades.

É nítida em passeatas, manifestações, ou mesmo em imagens publicadas na rede mundial de computadores a utilização da máscara do personagem histórico da cultura britânica, Guy Fawkes. Este fora um conspirador inglês que tentou explodir o parlamento para destronar o rei protestante Jaime I e, em seu lugar, colocar um rei católico. O episódio conhecido como “A conspiração da pólvora” se tornou um evento difundido por toda Inglaterra permeando o imaginário popular com a figura de Fawkes como um “grande traidor da pátria”. No entanto, devemos retomar a descrição histórica do ocorrido no século XVII.

Fawkes fazia parte de um grupo católico que era perseguido politicamente e reprimido em seus direitos. A luta dos conspiradores estava em estabelecer uma monarquia baseada nos princípios católicos e reformular uma parceria com o Vaticano. Na ocasião, alguns integrantes da conspiração, preocupados com a destruição do parlamento – que seria feita durante uma sessão de debates políticos – avisaram para alguns parlamentares que defendiam a causa católica para manter-se longe do prédio no dia 5 de novembro. Essas informações chegaram aos ouvidos do rei, que mandou imediatamente sua tropa vigiar o prédio e capturar os conspiradores. Foi quando acharam o especialista em explosivos, Guy Fawkes, preparando barris que iriam explodir o parlamento. Em seu interrogatório, Fawkes manteve-se íntegro e desafiando todos os que o interrogavam, conquistando certa admiração do rei. Porém, mesmo admirado, o rei condenou-o a morte. Desde o ocorrido, a Inglaterra comemorou o dia 5

de novembro com um ritual tradicional que celebra o “dia da fogueira”, onde os cidadãos ingleses se reúnem para queimar em uma fogueira um boneco com o rostode Fawkes².

Notemos, então, a apropriação de uma tradição e a forma como ela é re-significada a partir de uma história mediada por um instrumento da indústria cultural: a história em quadrinhos. Allan Moore é o criador do personagem “Codinome V”. Vindo de uma família pobre, uma adolescência rebelde e sem rumo, Moore se enveredou pelos caminhos do cartoonismo junto com amigos, que lançaram a revista *Embryo*, onde teve os primeiros contatos com o anarquismo e o punk.

Nos anos de 1970, na explosão do movimento punk, anarquistas começaram a resgatar a história de Fawkes, tendo seu nome pichado nos muros em nítido protesto contra o estado. É nesta época que Moore começa a se alinhar com a visão anarquista, libertária, esquerdista e contra a opressão, além do combate em prol da dignidade humana e emancipação dos indivíduos. Em 1982, Allan Moore escreve uma história de um homem que, acima de tudo, era uma ideia. Um anti-herói que lutou contra a opressão de um governo fascista em uma Inglaterra afundada no fundamentalismo e isolada do mundo. Este herói carregava consigo o símbolo da vendeta, baseado no símbolo da anarquia, com o sonho de “devolver a Inglaterra aos ingleses”. Este herói não tem rosto e o seu “superpoder” é a ideia. Seu nome não é revelado, mas seu codinome é “V”. Seu rosto é a máscara de Fawkes.

A ideologia de Moore constrói representações comportamentais e discursivas que produz uma fachada de seu personagem. Nele identificamos o anarquismo, a revolução, a indignação, o ponto de ruptura com o sistema, o processo de destorpecimento, o esgotamento, a luta contra um regime autoritário, a esperança, a construção da liberdade. Sua construção e representação contribuem em difundir sua força no imaginário popular com seu carisma, expressividade, criatividade, idealismo e teatralidade. “V” não se utiliza apenas da violência pela violência, mas em cada ação - assassinato - observamos uma ironia carregada de valor simbólico contra o estado ao utilizar-se de seu conhecimento cultural para significar as mortes de cada representante³.

Moore, em parceria com David Lloyd, se apropria de um personagem considerado símbolo de traição a uma nação e o resignifica, transformando-o em um símbolo de resistência a um regime opressor. As referências simbólicas entre ambas as personagens não são apenas vistas na máscara e na poesia, mas na intenção de destruir o símbolo maior do estado para reconstruir uma nova estrutura social. Tanto Fawkes quanto “V” estão empenhados em destruir o parlamento. Notemos aqui que em ambas as histórias, Fawkes é um personagem que luta contra um sistema opressor, porém, a consequência da primeira história o constrói como um signo que implica a ideia de traidor; já na reapropriação resignificada de Moore, Fawkes se torna uma fachada (GOFFMAN, 2002), um equipamento expressivo e padronizado intencionalmente que emprega a representação do personagem em um cenário de opressão, de distanciamento entre cidadão e poder. Fawkes passou de um signo de traidor para se encarnar a “V” e construir uma nova ideia de resistência.

Em 2006, a Warner Brothers lançou nos cinemas mundiais o filme baseado nos quadrinhos. Este é um ponto importante, uma vez que o cinema estendeu a rede de alcance dos quadrinhos para os fãs da sétima arte. Com isso, massificou também o símbolo. “V” começou a despertar interesses de muitos que não conheciam a história em quadrinhos. Logo o símbolo ganhou mais espaço para se enraizar no imaginário popular dos indivíduos.

Fora desse filme quem manifestantes do movimento *OWS*, com a aprovação de Moore e Lloyd, e apoio do coletivo *Anonymous*, começaram a utilizar a máscara em seus protestos. Fotos e imagens em vídeos foram disseminadas em redes sociais com manifestantes confrontando pacificamente a polícia e as autoridades, entoando gritos de protestos contra uma elite de Wall Street, invadindo as praças e

² Informações retiradas de <http://ahduvido.com.br/guy-fawkes-conspiracao-da-polvora-v-de-vinganca-e-anonymous> e http://pt.wikipedia.org/wiki/Guy_Fawkes

³ (informações retiradas de <http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/29/o-que-estao-fazendo-e-maravilhoso-diz-allan-moore-sobre-protestos-no-brasil.htm>)

expressando suas indignações. Os manifestantes transformam, juntamente com o coletivo *Anonymous*, a máscara de Fawkes - a fachada de resistência e luta de “V” - em um símbolo de protesto disseminado mundo afora. Observamos em imagens na Europa e recentemente nos protestos na Turquia e no Brasil.



Foto1Foto 2

As fotos acima circularam via redes sociais nos meses de outubro e novembro de 2011. Indivíduos com a máscara de Fawkes desfilavam na manifestação em Wall Street segurando cartazes com frases que trazem como ideias enunciativas a revolução, enaltação, esperança, coletivismo e indignação. Na Foto 1 vemos uma imagem que coloca ao centro, em um ângulo contraplongê (de baixo para cima) de engrandecimento do sujeito enaltecendo a figura de um revolucionário que conclama manifestantes à revolução. Na Foto 2 encontramos ao centro, no meio de todos os manifestantes e seus cartazes, uma figura que se destaca. A imagem do manifestante que usa a máscara de “V” é mais nítida, a posição de seu corpo com um olhar para um distante ponto que a foto não revela permeia e desafia nossa imaginação e sensação de esperança e de objetivo. Ao seu lado, um cartaz escrito “Sou grande demais para falhar” compõe a foto que contempla uma carga emotiva para o enaltecimento dos protestantes. A apropriação da máscara de Fawkes por Moore para criar um anti-herói que combate um estado opressor, criando um personagem que já configura no imaginário popular do mundo ocidental como figura de rebeldia, revolta, ideal e revolução deu condição a outras apropriações, principalmente por movimentos de origem mais esquerdistas, apartidários, com características subpolíticas (BECK, 1999), compartilhando o sentimento de indignação. Não seria precipitado dizer que muitos que usam a máscara possuem um sentimento anarquista, apesar do símbolo construído por Moore reforçar essa ideia. Mas de acordo com os discursos proliferados no site oficial, o movimento “não acredita em nenhum partido, não se sentindo representado na democracia atuante”, demonstrando um nítido distanciamento entre estado e povo, defendendo a proposta, então, da democracia radical.

Já quando observamos o perfil do movimento *Tea Party* no *Facebook*, observamos que através dessa mídia, o movimento divulga imagens que reforçam os discursos de sua página oficial. Ao mesmo tempo, observamos a existência de uma proximidade com o partido republicano, com imagens fazendo reverências a George W. Bush e Ronald Regan, ex-presidentes dos EUA e políticos do partido republicano. Isto vai de encontro com o posicionamento do site ao afirmarem ser apartidários. Seu posicionamento está vinculado com a direita, defendendo o amarrentício e fazendo apologias ao exército americano, sendo contra o casamento homossexual, a favor da liberdade religiosa e prontamente contra qualquer tipo de estatização em qualquer área da sociedade americana, como a oposição assídua ao “*Obamacare*”, programa que visa a universalização da saúde nos Estados Unidos.

O *Tea Party* apoiou e difundiu uma ideia de realizar um boicote à multinacional cafeteria Starbucks. Proposta teve origem em um grupo religioso evangélico que lançou a ideia de todos os religiosos boicotarem a Starbucks por ela ter firmado apoio à legalização do casamento homossexual nos Estados Unidos. Para a empresa, o casamento é importante para firmar “um mundo de diversidade o qual todos podem viver em harmonia”. Em resposta, um dito “ex-gay” Robert Bread, evangélico,

elaborou uma petição que reuniu mais de 59 mil assinaturas de pessoas que se comprometiam a “não consumir o produto da empresa até ela mudar sua postura”⁴.

O *Tea Party* resolveu apoiar a campanha, “em defesa da família tradicional e da liberdade religiosa” produzindo e publicando uma imagem ressignificada da logo da empresa. Esta obteve 147.526 “curtidas” e 92.159 “compartilhamentos”, e consta o símbolo da empresa Starbucks, substituído a sereia de duas caldas por uma mão derramando o café com as palavras “*Dump Starbucks*” (despeje o Starbucks).



Despejar o café é um ato que remota ao histórico protesto da revolta do Chá nos portos americanos, cujo despejo das cargas das Companhias das Índias ao mar é de um grande peso histórico para a identificação do movimento. Defender seus ideais de liberdade contra as ameaças que possam colocar em risco as “boas maneiras da família americana” é a principal bandeira do movimento, como afirma em seu site oficial.

Notemos então que temos dois movimentos que se utilizam da mesma plataforma para mediar suas lutas de resistência e reforçar suas identidades políticas sobre liberdade e emancipação. A orientação do OWS possui agendas mais voltadas para a esquerda liberal; já o *Tea Party* está veiculando sua orientação com maior visibilidade à direita conservadora. Ambos os movimentos utilizam-se de imagens e informações que surgem a partir do que Levy (2011) afirma ser originado de uma dialéticavirtualizante. O processo de ressignificação contínuo e compartilhamento dessas imagens comunicativas levam informações aos receptores que irão internalizar aquelas imagens e partir para um processo de subjetivação, que vai gerar uma ligação entre o indivíduo e a identidade que os movimentos criaram para si através de seus perfis oficiais.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ATRAVÉS DA DIALÉTICA

Como já vimos, os signos citados passaram por um longo processo de apropriação e ressignificação. Desde suas construções significativas e sua disseminação no imaginário popular, até suas revitalizações através de revoltas coletivas, mostramos que o histórico de significação desses signos passa por um processo de dialética fundada em sua origem, dialogado com a situação temporal presente em que ele é subjetivado e ressignificado.

Observamos no histórico do signo de Fawkes que, originalmente sua carga de significação estava atrelada a um símbolo de traição, à condenação de todos que fossem contra a grandeza da Inglaterra. Este signo, nos anos de 1970, época de caos político na Inglaterra onde o movimento punk e anarquista ganham força e apelo cultural, o signo passa por um processo de ressignificação, de acordo

⁴ (Informações retiradas do site <http://portugues.christianpost.com/news/starbucks-apoia-casamento-gay-e-enfrenta-boicote-de-cristaos-15535/>)

com a situação presente no país onde os punks e anarquistas eram uma oposição ferrenha ao estado, logo, reelaboraram o signo de Fawkes interpretando-o como um símbolo de resistência. Allan Moore e David Lloyd trabalharam em elaborar um herói com aptidões anarquistas. Após o filme de 2006, o signo ganhou mais popularidade, até ser adotado por movimentos e coletivos de protesto. Fawkes, ou “V”, começa a aparecer em muitos protestos pelo mundo, seja no Egito, no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos. Lembremos Levy (2011) quando ele afirma que a dialética virtualizante “estabelece relações de significação, de associação ou de remissão entre uma entidade e outra qualquer” (p.62). A dialética, para Levy (2011) funda o virtual, pois abre, sempre de uma forma diferente, um novo mundo através de um novo significado nunca desatrelado à sua forma originária, mantendo um elo com sua história, porém, em uma nova forma que cria uma identidade a este novo mundo.

Podemos constatar esse mesmo processo no caso do signo analisado do movimento *Tea Party*. Naquele caso, a intervenção no signo é mais profunda, sendo reformulada parte do *design* reconstruindo o conceito significativo da logomarca. Esta ideia foi rapidamente compartilhada pela ala mais conservadora da sociedade americana. Através da re-apropriação da imagem, sua concepção foi reconstruída e resignificada, reforçada pelo discurso avesso ao casamento gay. Essa passagem (*loop*) conceitual que liga o protesto contra uma empresa e a histórica marca de sucesso dessa multi-nacional é um registro mais bruto dessa dialética, que provoca aquilo que Mafesolli (1996) acredita ser um processo de identificação através da mútua comunicação que provoca uma conexão da ideia comunicada ao sentido, ao afeto, à imaginação daquele ator receptor, que, na rede social *on line*, está envolvido em um universo de interação, uma teia informacional que coopera com uma contínua identificação, que ajuda a construir uma subjetividade do agente, que, em rede, proporciona o mesmo a outros agentes em sua conexão.

Mafesolli (1996), quando analisa a construção unitária de um agente de múltiplas máscaras estabelece uma relação triádica na comunicação do próprio agente com o si: “o eu constitui-se como um isso diante do ti” (p. 311). Deste ponto, observamos que, no interior do agente existe uma grande discursão de várias vozes sobre vários objetos, onde o eu “dobra-se e desdobra-se ao infinito, mostrando bem que a superfície da comunicação é uma reversibilidade constante entre polos que são ora objetos, ora sujeitos” constituindo uma pluricidade de eventos que formam o eu, unitário em diversos “retalhos” (MAFESOLLI, 1996, p.311).

A interação entre as imagens que compõem um discurso que situam o indivíduo em um determinado cenário provocam as reflexões dos sujeitos, que subjetivam os signos que a ele chegam e os concretizam como agentes participantes e ativos.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em um mundo contemporâneo onde as relações em rede são o carro chefe da interação social, virtualizada em um universo que impactou a relação tempo-espacial dos sujeitos, inseridos em uma cultura-mundo de excessos e de um “consumo bulímico” (LIPOVETSKY E SERROY, 2011, p. 15), a concepção de identidade passa por um processo de quebra de unidade. O agente, na pós-modernidade, passa a construir processos de identificação, como afirma Maffesoli (1996), que, influenciado pela comunicação, constroem através de signos atraentes e compatíveis com sua história, um sujeito de múltiplas máscaras, ou fachadas. Essa multiplicidade admite um processo de identificação com signos que permeiam o universo em uma dialética, ao ser cooptado pelo agente que permanece em “constante diálogos internos”.

Este agente está inserido nociberespaçoconstroem coletivamente, através do aprofundamento da velocidade comunicacionalvinculos que constroem identidades através das subjetivações causadas pelo turbilhão da dialética virtualizante. Constitui-se uma nova forma de interação,a qual propusemos realizar uma breve reflexão de como ela influencia a construção e o processo de identificação dos

agentes. Para isso, proponho discutir os signos apropriados da indústria cultural, sejam uma logomarca que permeia o imaginário popular ou um símbolo histórico ou mesmo as práticas discursivas dos integrantes dos movimentos para compreender essas subjetivações que constroem um sujeito. A subjetividade é o objeto que proponho analisar daqui em diante.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, G. (2012) *Ocupar Wall Street... e depois?* IN. *Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo.

BECK, U. (1999) *La sociedad del riesgo: hacia una nueva modernidad*. Barcelona, Buenos Aires, México: Paidós.

GIDDENS, A. (1991) *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. UNESP.

GOFFMAN, E. (2002) *Ritual da Interação: Ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Editora Vozes.

HARVEY, D. (2011) *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola.

HARVEY, D. (2012) *Os rebeldes na rua: o Partido de Wall Street encontra sua nêmesis*. IN. *Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo.

LEVY, P. (2010) *O que é o Virtual*. São Paulo: Editora 34.

LEVY, P. (2011) *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.

LIPOVETSKY, G. & SERROY, J. (2011) *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras.

MAFFESOLI, M. (1996) *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes.

PESCHANSKI, J. A. (2012) *Os ocupas e a desigualdade econômica*. IN. *Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo.

RECUERO, R. (2009) *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina.